

JOSÉ DE SOUZA MARTINS

✉ josedesouza.martins@grupoestado.com.br



Joaquim Távora

Enquanto o comandante da Revolução de 1924, general Isidoro Dias Lopes, jantava no restaurante da Estação da Luz, na noite daquela quinta-feira, 14 de julho, um pelotão de revoltosos, sob o comando do capitão de Exército Joaquim Távora, atacava o quartel do 5.º Batalhão da Força Pública, na Rua Vergueiro, hoje número

363. Aquele era um dos pouquíssimos nichos de resistência legalista, pois as forças leais ao governo já haviam abandonado a cidade em direção a São Caetano e à Penha.

No meio do tiroteio, alguém do lado legalista levantou a bandeira branca, sinal de rendição ou de disposição para parlamentar. Távora se ergueu na trincheira e recebeu vários tiros. Faleceria

no Hospital Militar no dia 19 de julho, nove dias antes do término dos combates na cidade de São Paulo e da retirada das tropas rebeldes para o interior. Centenas de mortos sepultados no Cemitério do Araçá e em terrenos baldios da Mooca, do Ipiranga e do Lavapés, centenas de feridos, milhares de desabrigados, inúmeras fábricas e residências bombardeadas e destruídas ficariam pa-

ra trás, enquanto os trens partiam levando soldados e canhões.

O atestado de óbito de Joaquim Távora descreve que ele fora atingido gravemente pelas balas inimigas em vários órgãos e na coluna vertebral. Se tivesse sobrevivido, teria ficado tetraplégico. Era oficial do Exército e engenheiro civil, nascido no Ceará. Tornara-se oficial no Rio Grande do Sul. Em 1922, liderara a rebelião do Exército em Corumbá (hoje cidade do Mato Grosso do Sul) em apoio ao levante do Forte de Copacabana, que dera início ao ciclo das revoltas tenentistas. Elas culminariam na Revolução de Outubro de 1930 e na ascensão de Getúlio Vargas ao poder.

Joaquim Távora foi sepultado no ponto mais alto do Cemitério do Chora Menino, no bairro de Santana, a cabeceira de seu túmulo voltada para o então quartel do Exército, hoje quartel do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva (COPOR), ali perto, onde tivera início a Revolução na fria madrugada de 5 de

julho. Dali saíram os revoltosos para tomar os quartéis da Força Pública na Avenida Tiradentes, na Luz. Num deles, ainda naquela manhã, Joaquim Távora deu voz de prisão ao general Abílio Noronha, comandante da 2.ª Região Militar, que, em traje de gala, ordenava o fim da revolta.

No gesto e no episódio estava todo o sentido da Revolução, que pretendia restituir a República ao republicanismo, livrá-la do oligarquismo, do clientelismo, do voto de cabresto, da corrupção política eleitoral. Livrá-la de um presidencialismo em que o presidente da República descaradamente fazia o sucessor, usando os recursos do governo, no claro propósito de anular as oposições, circunscrever as liberdades democráticas e reduzir o Exército à função de pau mandado do governante. Até promoções militares eram decididas pelos políticos em função de seus interesses eleitorais.

Masp põe suas obras na rua para atrair público

Museu exhibe 40 réplicas de telas em pontos de circulação nos Jardins e na Consolação

Nataly Costa

A partir de sexta-feira, as obras do Museu de Arte de São Paulo (Masp) vão sair para passear. Em trechos das Ruas da Consolação e Estados Unidos, da Avenida Brigadeiro Luís Antônio e da Radial Leste-Oeste, o projeto Revelarte - O Masp nas Ruas vai exibir reproduções de 40 obras do museu. As imagens de trabalhos de de Van Gogh, Modigliani, Manet e Cézanne, entre outros, ficarão do lado de fora do Masp durante todo o mês de outubro.

As reproduções são digitais - fotos impressas em placas de fórmica maior ou menor que o original. "Não queríamos fazer cópias, e sim réplicas parecidas com o original", diz um dos organizadores da mostra, Ronaldo Graça Couto. "O objetivo é despertar a vontade de conhecer o museu." As telas ficarão em locais a no máximo 1,5 quilômetro do Masp.

Os quadros reproduzidos são alguns dos mais importantes do acervo, como *Menina Com as Espigas*, de Renoir, *Paisagem Com Tamanduá*, de Frans Post, *Retrato de Fernando VII*, de Francisco de Goya, e *Natureza-Morta Com Prato, Vaso e Flores*, de Van Gogh. A escolha foi feita pelo crítico e curador Teixeira Coelho. "A ideia não é que as pessoas parem diante das obras. Em uma cidade neurótica como São Paulo isso não acontece", diz. "Só queremos que elas quebrem um pouco a rotina visual, que os retratos sirvam como interruptor do circuito de pensamento."

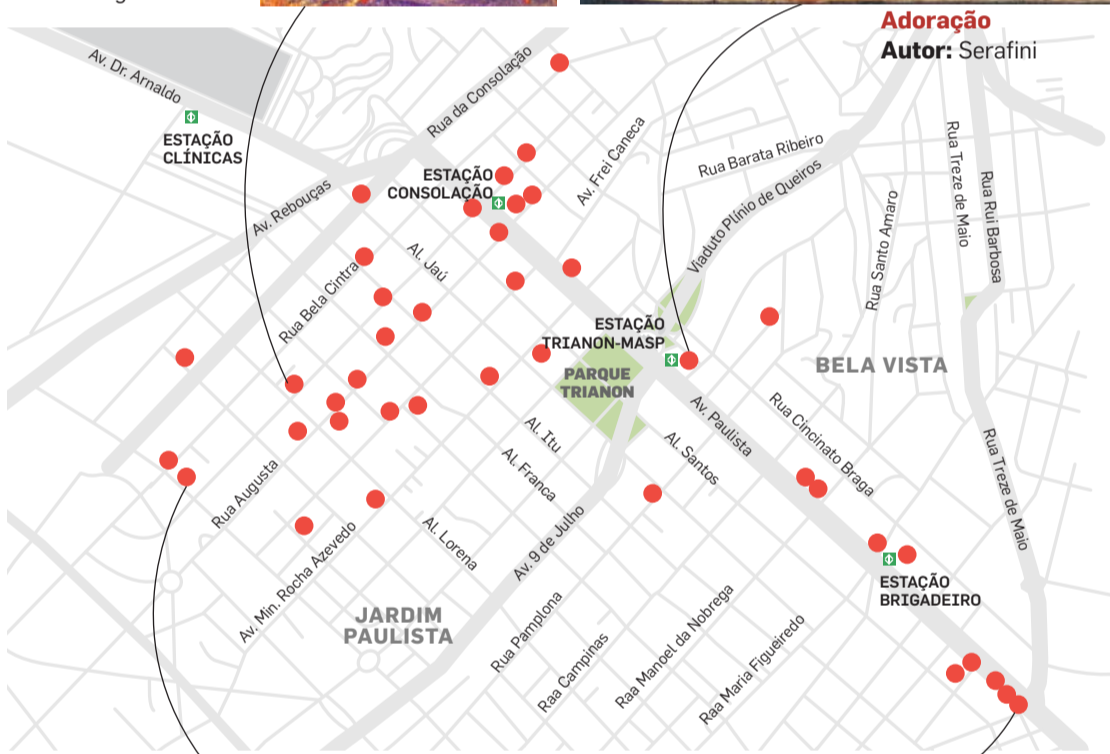
Segundo Couto, a inspiração do projeto veio da National Gallery de Londres. Em 2007, a instituição colocou reproduções de seu acervo em ruas da capital inglesa. Algumas foram roubadas, outras depredadas. "O mesmo pode acontecer aqui, mas as fotos das telas não têm valor financeiro. O que importa é a mensagem que passam."

AO AR LIVRE

● Fotos impressas em placas de fórmica ficam expostas até o fim de outubro

● LOCAL DA OBRA

Menina com as Espigas
Autor: Pierre Auguste Renoir



Natureza-Morta com Prato, Vaso e Flores
Autor: Vincent Van Gogh



Anunciação
Autor: El Greco

Dentro da lei. O Revelarte teve autorização da Prefeitura para usar muros e vitrines nos Jardins e na Consolação, sem infringir a Lei Cidade Limpa.

Os quadros vão ficar em fachadas de prédios e vitrines com grande movimento, entradas das Estações Consolação e Trianon-Masp do Metrô, além de res-

taurantes e livrarias. O fotógrafo Ary Diesendruck vai registrar a exposição e a reação do público nas ruas para um eventual livro sobre a iniciativa.

Cultura



Performance. Atores reencenam peça dos anos 30

OFICINA LEVA TEATRO À BIENAL

Zé Celso revê obra de Flávio de Carvalho em tom carnavalesco e conquista público do evento

Maria Eugênia de Menezes

Os atores do Teatro Oficina, comandados por José Celso Martinez Corrêa, encenaram ontem sua reeleitura para *O Bailado do Deus Morto*, de Flávio de Carvalho, na 29.ª Bienal de São Paulo, no Pavilhão do Ibirapuera. O atraso de 40 minutos deixou o público impaciente. Uma senhora resolveu puxar palmas e foi seguida pela plateia.

Mas foram em vão os apelos para que o diretor começasse logo. Muitos não sabiam, mas do outro lado do prédio os atores, seminus, já tocavam seus tambores, dançavam e eram seguidos por uma multidão. A obra, única peça escrita por Flávio de Carvalho, em 1933, e que chegou a ser interdita pela polícia na época, surgiu em nova versão pelas mãos de Zé Celso. Mas não menos polêmica.

Com tom mais festivo que o texto original, o diretor transformou o espetáculo em um grande cortejo carnavalesco e abriu espaço para incorporar uma série de comentários, muitos em tom crítico,

aos episódios que marcaram o primeiro dia de abertura da Bienal ao público, no sábado.

Durante a encenação, surgiram menções ao pichador Djan Ivson, que teria invadido a instalação *Bandeira Branca*, do artista Nuno Ramos, e pichado a frase "libertem os urubu" (sic), antontem à noite. A obra, cercada por tela, tem três urubus.

A ação dos seguranças, que entraram em confronto com pichadores e manifestantes que protestavam contra a instalação, também foi citada durante uma das passagens. Mas, apesar do tom irônico, o curador-geral da Bienal, Moacir dos Anjos, afirma não ter visto na performance críticas à organização. "O Zé Celso sempre incorpora o que acontece em seu trabalho. É um teatro vivo, político", disse o curador, logo após a apresentação do grupo.

De fato, não faltaram referências à política atual na encenação. Durante a peça, o diretor fez questão de ressaltar aquilo que chamou de "temas tabus". Os atores incorporaram à sua dramatização questões como o narcotráfico.

Paulistices | Curiosidades da metrópole | Edison Veiga

estadao.com.br

blogs.estadao.com.br/edison-veiga

SETEMBRO

• O mês dos eventos curiosos em SP

A conclusão é do São Paulo Convention & Visitors Bureau (SPCVB), fundação privada com propósito de divulgação turística: setembro é o mês campeão de eventos curiosos na cidade. Dos 160 agendados para ocorrer nesta época, 10 têm temas para lá de inusitados. "A diversidade de São Paulo é tamanha que aqui é possível congregarmos qualquer tipo de assunto", afirma o diretor superintendente do SPCVB, Toni Sando. "A cidade tem espaço para todos os tipos de tribos."

Na agenda do mês há congresso de

pedagogia espírita, feira de produtos para controles de pragas, exposição de azeites e azeitonas, congresso de pesquisa bíblica, fórum de qualidade das farinhas de carne e ossos e exposição de sucata, entre outros.

O diretor do SPCVB lembra que, mesmo que os eventos sejam muito específicos e atraíam um público restrito, todos têm importância inquestionável para a economia paulistana. "A soma dos pequenos é que faz uma São Paulo maior. Somos uma cidade que tem espaço tanto para eventos com dez pessoas como para eventos que trazem público de 1 milhão", garante Sando. "Há eventos que reúnem 50 pessoas, mas, pela importância do tema, dão uma visibilidade internacional para a capital paulista."

INTERROGAÇÕES

● **Por que São Paulo é considerada a capital sul-americana das feiras de negócios?**

Porque é sede de 90 mil eventos por ano, contando os privativos de empresas - média de um a cada 6 minutos.

● **Em nível nacional, o que isso representa?**

A fatia corresponde a 75% dos eventos do gênero no País. Das 172 grandes feiras ocorridas no Brasil, 120 são realizadas em São Paulo.

● **Qual a consequência disso?**

Arrecadação anual de R\$ 2,9 bilhões por ano e a criação de 500 mil empregos diretos e indiretos.



De um bairro a outro. Cenas urbanas como a imagem acima, clicadas por Fernando Stickel na Vila Olímpica, estão em exposição até o dia 6 na Casa de Cultura da Brasilândia (Praça Benedita Cavaleiro, sem número)